

Vesela Chergova
Sofijski Universitet "Sv. Kliment Ohridski"
v.chergova@abv.bg

Estudo contrastivo da configuração das categorias verbais em português e em búlgaro

Resumo:

O estudo tipológico contrastivo dos sistemas verbais do português e do búlgaro parte da premissa metodológica que o conteúdo semântico de cada categoria verbal representa um tipo de relação definido a nível universal da linguagem que encontra realização formal específica nas línguas concretas. Interpretamos a hierarquia na organização interna das categorias dentro de cada sistema nos termos de Greenberg [1971: 295-313] e Gerdžikov [2003]. Assim, a distribuição da carga semântica categorial reflete a “imagem do mundo” da comunidade linguística historicamente formada.

Palavras-chave: semântica verbal, categorias verbais, linguística portuguesa e búlgara.

Abstract:

Contrastive study of the configuration of the verbal categories in Portuguese and Bulgarian

The contrastive typological study of the Portuguese and the Bulgarian verbal systems is based on a methodological premise considering the semantic content

of each verbal category as a functional relation defined on the universal level of language activity and bound to a specific formal realization in any language on the historical level of the same activity. We assume that the internal category's organisation within the language system is a hierarchical one in the terms of Greenberg [1971: 295-313] and Gerdžikov [2003]. Therefore, the distribution of the categorial semantic load represents the "worldview" of the historically constituted linguistic community.

Keywords: verbal semantics, verbal categories, Portuguese and Bulgarian linguistics.

1. Abordagem metodológica

O presente estudo pretende contrastar os sistemas verbais de duas línguas que formam parte de diferentes tipos linguísticos, isto é, o português, que pertence ao tipo linguístico românico, e o búlgaro, que apresenta o tipo linguístico eslavo. Contudo, o método contrastivo exige que a análise seja feita a partir de uma abordagem teórica unívoca e coerente. Tanto na linguística portuguesa, como na linguística búlgara são aplicadas as metodologias da gramática descritivo-normativa, estrutural, gerativo-transformacional, cognitiva e da análise pragmática. No entanto, a nossa pesquisa será orientada basicamente pela metodologia do estruturalismo dinâmico e funcional, designado por Coseriu [1980: 60] como estruturalismo analítico, incluindo elementos da semântica estrutural. Por um lado, porque a abordagem comparativa visa sobretudo as relações entre ambos os sistemas verbais, e por outro, porque o método teórico escolhido realça, no nosso parecer, de forma nítida a estratificação dos conteúdos categoriais e da sua realização semântica, formal e funcional nas línguas concretas. A interpretação do objeto de estudo, portanto, passa pelo esclarecimento de vários conteúdos teóricos.

Na perspetiva de Coseriu [*ibidem*: 93], a linguagem representa um conjunto quase indivisível de saber interiorizado, atividade e produto linguístico que se desenvolvem a nível universal, histórico

e individual. O nível universal é o nível dos conceitos de lógica mental relacionados com a capacidade humana de raciocínio simbólico [Casirer, 1996: 44-48], ou seja, com a capacidade de designar¹. O nível histórico corresponde às configurações linguísticas em categorias e classes de palavras no sistema e na norma, no léxico e na gramática da língua concreta como criação civilizacional. O nível individual é o nível da atitude discursiva dos indivíduos de uma comunidade linguística, da capacidade expressiva e criativa do indivíduo falante. Portanto, a definição das categorias verbais será objeto do nível universal, mas a sua descrição, enquanto configuração e funcionamento, será objeto do nível histórico.

A língua como saber idiomático, atividade e produto a nível histórico da linguagem, representa um conjunto de fenómenos diacrónicos, diatópicos, diafásicos, diastráticos e metalinguísticos [Coseriu, 1980: 102-112] que, no entanto, não formam parte, na sua integridade, do saber de cada indivíduo falante e são analisados a partir de diferentes áreas linguísticas². Para os propósitos do objeto de estudo concreto, a língua deveria ser suscetível a uma abordagem analítica e por isso focada como “uma técnica linguística determinada (isto é: unitária e homogênea) (...) – quer dizer, um só dialeto em um só nível e num só estilo de língua – ou, em outros termos, uma língua *sinatópica*, *sinstrática* e *sinfásica*, pode ser chamada *língua funcional*” [ibidem: 113]. Precisamente a língua funcional poderá ser analisada a partir da fala que é a única técnica realizada realmente existente,

¹ Trata-se da distinção dos três planos semânticos introduzidos por Coseriu [1978: 134-135, 1981: 185-209, 1987: 177-178], aplicados e desenvolvidos por Vucheva [2006: 23-32]: designação, significação e sentido. A designação, nomeadamente, é o processo de relacionamento do signo linguístico com o conceito de realidade extralinguística, ou seja, com o referente.

² “Por isso uma língua histórica não pode ser descrita estrutural e funcionalmente como um sistema linguístico, como uma estrutura unitária e homogênea, simplesmente porque não o é; ao contrário, contém, em geral, sistemas linguísticos bem diferenciados” e, no entanto, “uma descrição estrutural única de toda uma língua histórica, sobre ser racional e empiricamente impossível, não teria nenhum interesse prático” [Coseriu, 1980: 113].

que contém em si as técnicas virtuais com diferentes níveis de abstração: norma, sistema e tipo linguístico [*ibidem*: 119-120]. Se a norma contém as relações redundantes e afuncionais, mas de caráter constante e habitual para a comunidade falante, o sistema contém apenas as relações opositivas. O tipo linguístico representa a sucessividade interna e a união funcional dos diferentes subsistemas que integram o sistema da língua concreta e que podem revelar os traços comuns entre os sistemas de diferentes línguas.

A análise das técnicas virtuais da língua será realizada de acordo com os princípios fundamentais do método escolhido, avaliando a funcionalidade, a oposição, a sistematicidade e a neutralização [*ibidem*: 59-80] nas relações categoriais do verbo português e do verbo búlgaro. Nessa perspectiva, em sincronia e a nível do sistema, as categorias gramaticais apresentam-se como relações opositivas imediatas, vinculadas a um contínuo de conteúdo comum, dentro do qual diferem com base num traço distintivo. A sistematicidade e a funcionalidade dos conteúdos categoriais mantêm laços de correspondência com os tipos da sua realização formal. Aqui serão consideradas as seguintes opções de realização formal dos conteúdos categoriais: sintética, analítica, sintática e discursiva. A realização sintética compreende o uso de morfemas categoriais (gramemas) como instrumentos dos valores categoriais. Cada morfema categorial representa um conjunto de semas que a nível do sistema existe como um significado invariante (ou unitário), mas a nível da norma e da fala existe como significados distributivos ou contextuais³. Os significados distributivos variam dentro do campo semântico-funcional do seu significado invariante, por exemplo, o Presente do Indicativo (doravante PI) funciona no campo da simultaneidade não inatural com valores distributivos de semelfatividade, iteratividade, duratividade, etc. Porém, os significados contextuais surgem em resultado de neutralização ou transposição, e, neste caso, podem ativar novos conteúdos

³ Essa distinção entre significado invariante, distributivo e contextual está inspirada nas obras de Coseriu [1980] e Vucheva [1995, 2006], aplicado para o português em Chergova [2012a].

estilísticos ou categoriais. O PI pode funcionar em neutralização do Futuro Simples (doravante FS) com valor de posterioridade não inatural, mas o FS também pode penetrar no campo semântico-funcional do presente, marcando uma transposição dos valores categoriais e introduzindo novos valores de modalidade epistêmica no discurso [Chergova, 2012b]. O processo da codificação morfológica sintética é menos transparente, ou seja, mais desmotivado do que o analítico, e, se calhar por isso mesmo, primário. A realização analítica consiste na configuração de estruturas sintagmáticas complexas, estavelmente relacionadas com determinados conteúdos categoriais, reconhecíveis pelos falantes da língua na sua integridade formal, semântica e funcional. As perífrases verbais de valor aspetual têm um paradigma muito desenvolvido em que o verbo auxiliar das perífrases pode exprimir também valores temporais e modais [Barroso, 1994: 71-75]. A realização sintática visa conteúdos categoriais que se manifestam exclusivamente em estruturas oracionais como, por exemplo, a categoria Voz do verbo português. Por sua vez, a realização discursiva apresenta conteúdos categoriais que, quer disponham, quer não de instrumento morfológico, apenas encontram realização na interação comunicativa [Chergova, 2012a: 173-192]. Categorias deste tipo são as da Apelação, Evidencialidade e Admiração. Assim sendo, deveríamos salientar que as categorias gramaticais de realização morfológica não restringem o seu conteúdo categorial exclusivamente ao valor básico dos seus gramemas [Gerdžikov, 2003: 70-87].

A estruturação espaço-temporal da mundividência humana [Casirer, 1996: 69-87] coloca os alicerces lógico-mentais das categorias nominais e verbais. Dentro do imaginário de cada comunidade linguística – que é sobretudo comunidade civilizacional – os valores verbais, ou seja, os relacionados com a configuração linguística da existência dinâmica do mundo no tempo e no espaço, podem distribuir a sua carga semântica em diferentes conteúdos e formas de valorização desta mesma perspetiva dinâmica. As relações categoriais construídas à volta de um contínuo de conteúdo têm, ou podem ter, uma organização interna hierárquica. Isso evidencia-se nas teorias das hiper-categorias [Gerdžikov, 2003: 83], ou campos semântico-funcionais

[Bondarko et al., 1987; Veiga, 1991; Kitova, 2000; Vucheva, 2006]. Assim, apenas parte do conteúdo categorial será sistematizado por meio de gramemas específicos, sendo possível a expressão de valores adicionais dentro do mesmo contínuo de conteúdo por recursos variados de estruturas lexicais, oracionais ou discursivas.

Os maiores problemas que a análise linguística enfrenta, além da variedade de recursos e conteúdos dentro da mesma categoria verbal, é a interferência entre formas e funções categoriais, quer dizer, uma forma temporal tem ao mesmo tempo valores modais e aspetuais, uma forma modal tem valores temporais e aspetuais [Vilela, Koch, 2001: 165]. Então, como descrever qualquer conteúdo ou forma verbal no meio dessa polivalência?

A polivalência reconhece-se no contexto e no discurso, mas vem motivada pelas relações e conteúdos categoriais das formas que integram o sistema da língua. Uma abordagem possível seria a de considerar a categoria gramatical como um campo semântico – funcional unificado na sua variedade por um contínuo de conteúdo que a sustenta no sistema, mas também dar conta da organização hierárquica [Greenberg, 1971] das formas e valores categoriais e o seu grau de sistematicidade em ambas as línguas objeto desta comunicação.

2. Definição das categorias verbais a nível universal da linguagem

2.1. A noção de *tempo* e *temporalidade* é a mais imediata para o imaginário humano [Casirer, 1996: 44-48]. Nas línguas concretas pode ser realizada por diferentes recursos: advérbios, lexemas verbais, substantivos e adjetivos, estruturas sintáticas, costumando ter também um instrumento morfológico específico: os tempos verbais. Toda essa vasta área de recursos e conteúdos pode constituir uma hipercategoria de valor semântico temporal que se associe com

o termo *temporalidade*⁴. Numa primeira leitura, o parâmetro básico que orienta a relação temporal na língua é o momento da enunciação. Portanto, a definição do contínuo de conteúdo que identifica por excelência o tempo gramatical será *a relação entre a ação enunciada e o momento da enunciação* implicada na oposição funcional entre anterioridade (+) / simultaneidade (-) / posterioridade (+).

Numa data de línguas (entre elas as eslavas), a realização formal da categoria Tempo limita-se precisamente a este contínuo de conteúdo. No entanto, noutra série de línguas (entre elas as românicas e o búlgaro), dá-se uma realização formal mais complicada, com subconteúdos temporais. A relação entre a ação enunciada e o momento da enunciação pode ser intercedida pelo conceito de outro momento orientativo na narração, isto é, a oposição pode visar *ações direta ou indiretamente orientadas à volta do momento da enunciação*. Então, distingue-se a subcategoria temporal do Plano [Vucheva, 1995: 20] ou Táxis [Kucarov, 2007: 253-262], baseada na oposição entre formas verbais do plano não inatural (-) e do plano inatural (+), onde a carga semântica específica incide nas formas que referem relações de Tempo diretamente orientadas à volta de um momento orientativo na narração [Chergova, 2012a: 18-19], sem uma relação direta com o momento da enunciação.

Por outro lado, nas línguas naturais cujo nível morfológico de estruturação linguística opera também com formas analíticas, pode existir uma relação entre formas sintéticas e formas analíticas, ou seja, uma *relação entre uma ação e outra ação, ou o resultado de outra ação no mesmo momento orientativo* [Kucarov 2007: 249-250, Chergova, 2012a: 19-21]. Essa relação é capaz de constituir uma oposição funcional entre formas da perspetiva primária (-) e formas da perspetiva secundária (+) [Coseriu, 1976: 93-96].

Assim, uma imagem possível da realização formal da temporalidade seria a seguinte:

⁴ Ao falarmos de tempo gramatical, deveríamos distingui-lo nitidamente das outras dimensões do tempo cronológico, físico, psicológico, filosófico, narrativo etc. [Nitsolova, 2008: 261].

- Temporalidade lexical (lexemas verbais, substantivos, adjetivos; advérbios de tempo);
- Temporalidade morfológica (categorias Tempo, Plano, Perspetiva);
- Temporalidade perifrástica (perífrases temporais, Perspetiva Secundária);
- Temporalidade sintática (enunciados de valor temporal);
- Temporalidade discursiva (tempo narrativo/discursivo).

2.2. A noção de *modo* e *modalidade* introduz nas realidades linguísticas a figura do falante, do sujeito linguístico como centro da atividade intencional discursiva e cognitiva [Vucheva, 2006: 150], que imprime ao discurso a sua valorização subjetiva. Portanto, a modalidade pode ser definida como uma *relação de valorização entre o sujeito falante e a ação enunciada* que nas línguas concretas pode realizar-se por diferentes recursos [Mateus et al., 1989: 102-110] como advérbios, lexemas verbais, substantivos e adjetivos, estruturas sintáticas, unidades e situações discursivas, dispondo ou não de instrumento morfológico específico: o Modo verbal. A modalidade é a categoria verbal mais estreitamente relacionada com a lógica formal, com as teorias da verdade e os tipos de juízos modais. No entanto, não podemos exigir que a lógica dê uma resposta adequada à especificidade linguística dos conteúdos e formas modais [Chergova, 2013]. Em primeiro lugar, porque a lógica formal interpreta a valorização modal a nível das proposições (juízos) e a língua distribui os valores modais entre estruturas que encerram conceitos (gramemas de Modo, lexemas verbais de valorização modal, perífrases modais) e proposições (orações declarativas). Em segundo lugar, existem estruturas oracionais que não se identificam com juízos (orações interrogativas, exclamativas, imperativas, exortativas), mas podem ter valor modal: *Pedro aprovou o exame?* (interrogativa não modal) / *Será que Pedro aprovou o exame?* (interrogativa modal) / *Pedro terá aprovado o exame?* (interrogativa modal). Por conseguinte, não se deveria esperar que os gramemas de modo, na sua condição de conceitos, exaustivassem o vasto leque de valores modais (deônticos, volitivos, optativos, epistémicos

de possibilidade e/ou probabilidade, aléticos, admirativos, renarrativos, apelativos, etc.) que detetamos a nível morfológico, analítico ou sintático e até mesmo discursivo.

Assim, uma imagem possível da realização formal da modalidade seria a seguinte:

- Modalidade lexical (lexemas verbais, substantivos, adjetivos e advérbios);
- Modalidade básica (categoria Modo);
- Modalidade perifrástica (perífrases modais);
- Modalidade complementar (funções modais de formas temporais e/ou aspetuais);
- Modalidade sintática (sintagmas e orações de valor modal);
- Modalidade discursiva (valorização modal dos componentes discursivos/narrativos).

2.3. A noção de *aspeto* e *aspetualidade* é amiúde interpretada como outra dimensão temporal, mas, ao contrário do tempo gramatical, não se define em função de um parâmetro externo à ação verbal como são o momento da enunciação ou o sujeito falante. Define-se em relação à própria ação, ou seja, como *uma relação entre a ação verbal e o seu decorrer interno*. Nas línguas concretas a aspetualidade pode realizar-se por diferentes recursos como advérbios, lexemas verbais, substantivos e adjetivos, estruturas sintáticas, dispondo ou não de instrumento morfológico específico: o *Aspeto verbal* (*Vid*). Ao mesmo tempo, o aspeto parece a categoria verbal menos abstrata, porque se sujeita a uma observação direta e empírica das fases no decorrer interno da ação, enquanto a configuração mental das categorias temporais e modais exigem um processo de conceitualização muito mais abstrato. Daí o comentário de Lyons [1977: 639] que muitas línguas carecem de tempo gramatical, mas poucas há que não refiram valores de aspeto. Os múltiplos valores aspetuais (perfeito/imperfeito, pré-inicial, incoativo, progressivo, continuativo, concomitante, egressivo, final, resultativo, etc.) costumam estar veiculados por diferentes meios linguísticos de acordo com a organização hierárquica das categorias verbais no seio de uma língua concreta. O eventual núcleo

morfológico desta categoria (*Vid*) não é capaz de transmitir todos os valores aspetuais suscetíveis de realização na língua concreta.

Assim, uma imagem possível da realização formal da aspetualidade seria a seguinte:

- Aspetualidade lexical (lexemas verbais, processos derivativos, advérbios);
- Aspetualidade morfológica sintética (*Vid* perfeito / imperfeito);
- Aspetualidade morfológica analítica (perífrases aspetuais);
- Aspetualidade complementar (formas nominais do verbo; Perspetiva Secundária Retrospectiva; significados aspetuais distributivos dos gramemas temporais; oposições temporais não imediatas: PPS / Imperfeito, etc.);
- Aspetualidade sintática (valor aspetual das conjunções e orações subordinadas);
- Aspetualidade discursiva (estruturação do discurso).

O nível universal da linguagem marca o potencial semântico das categorias verbais de um ponto de vista lógico, aberto e quase nada restritivo. A sua realização por instrumentos linguísticos concretos pode introduzir conotações ou aspetos na carga categorial semântica de acordo com os processos cognitivos e civilizacionais que decorreram numa concreta comunidade falante.

3. Estrutura hierárquica das categorias verbais a nível histórico da linguagem

3.1. O verbo português realiza por meio de morfemas categoriais os valores modo-temporais e número-pessoais [Barroso, 1994: 85].

As categorias Número e Pessoa são categorias exclusivas, respetivamente, do substantivo e dos dêiticos pessoais que, por razões de organização sintática, o verbo assumiu, na função de núcleo do predicado verbal, estabelecendo assim uma relação morfossintática com o seu sujeito.

No entanto, as categorias Modo e Tempo surgem da própria natureza dinâmica do verbo. A definição da categoria Tempo como uma relação entre a ação enunciada e o momento da enunciação identifica como formas autênticas de valor temporal apenas as de PPS (+) / PI (-) / FS (+). Muitas línguas naturais, entre elas as eslavas, podem funcionar e funcionam perfeitamente com apenas esse número de formas temporais. No entanto, é óbvio que o verbo português possui maior variedade de gramemas temporais. A relação de anterioridade (+) / simultaneidade (-) / posterioridade (+) pode dar-se também em torno do momento orientativo na narração pelas formas sintéticas do Plano Inatural: Mais-Que-Perfeito Simples (+) / Imperfeito (-) / Futuro do Pretérito (+) (doravante MQPS / Imp. / FP). Assim, o gramema de PI marca o mesmo valor temporal de simultaneidade que o gramema de Imp., mas o PI estabelece essa relação temporal diretamente com o momento da enunciação, enquanto o Imp. estabelece essa relação de forma indireta, porque é medido diretamente a partir do momento orientativo na narração. Os gramemas de FS e FP realizam o mesmo valor temporal de posterioridade direta e indiretamente relacionada com o momento da enunciação. E os gramemas de PPS e MQPS realizam o mesmo valor temporal de anterioridade direta e indiretamente relacionada com o momento da enunciação.

Além das formas verbais sintéticas, o português realiza valores temporais por meio de estruturas analíticas que costumam ser interpretadas como tempos verbais compostos [Oliveira, 2004: 159-166]. No entanto, a referência modo-temporal nas formas analíticas é veiculada pelo verbo auxiliar, assim estabelecendo uma relação de retrospectividade com a forma sintética da perspectiva primária⁵: *tenho cantado* (+) / *canto* (-); *terei cantado* (+) / *cantarei* (-) no Plano Não Inatural; *tinha cantado* (+) / *cantava* (-); *teria cantado* (+) / *cantaria* (-) no Plano Inatural. Nestas estruturas analíticas o verbo

⁵ Em português contemporâneo, as formas da perspectiva secundária retrospectiva no campo da anterioridade não inatural e inatural (*tive cantado e *tivera cantado) parece que não se reconhecem como plausíveis pelos falantes nativos de boa cultura linguística, embora se tenham registado algumas ocorrências suas na expressão escrita e oral [Chergova, 2012a: 21, 159-160].

auxiliado aparece na forma de particípio passado, facto que contribui para uma semântica resultativa de toda a perífrase verbal [Barroso, 1994: 160-161].

Repare-se que há um contínuo de conteúdo comum para todas as formas verbais (sintéticas e analíticas) anteriormente citadas – o valor modal de Indicativo. O paradigma verbal português apresenta outra série de formas temporais, sintéticas e analíticas, com um contínuo de conteúdo comum de Conjuntivo. Essa existência de dois presentes (do Indicativo e do Conjuntivo) ou dois futuros (do Indicativo e do Conjuntivo), etc., faz parte da estruturação modo-temporal do português, mas não se verifica em búlgaro. Ao mesmo tempo, é óbvio que a quantidade de formas temporais no modo Indicativo supera consideravelmente a quantidade de formas temporais no modo Conjuntivo. Porque será?

A resposta está relacionada com a distribuição dos valores modais e com a organização hierárquica das categorias verbais no paradigma do verbo português. Os princípios de Greenberg [1971: 306-310] postulam que a categoria dominada que desenvolve a sua estrutura com base no elemento marcado da categoria dominante terá um número de formas mais reduzido ou, no máximo, igual ao número de formas baseadas no elemento não marcado da categoria dominante. Achamos que este critério explica, em primeiro lugar, o desequilíbrio entre formas indicativas e formas conjuntivas, em segundo, a posição dominante da categoria Modo no sistema verbal português e em terceiro a natureza intensiva do Conjuntivo e a natureza extensiva do Indicativo [Chergova, 2012a: 102].

Por conseguinte, interpretamos como categoria Modo a oposição modal básica entre Indicativo (–) / Conjuntivo (+) baseada no traço distintivo não subjetivo (–) / subjetivo (+) [Chergova, 2013: 273-275] que representa o tipo de valorização primária inerente à estrutura de cada enunciado. O Indicativo é o elemento extensivo e expressa a valorização primária não subjetiva na relação entre o sujeito falante e a ação enunciada. O Conjuntivo é o elemento intensivo e expressa a valorização primária subjetiva na relação entre o sujeito falante e a ação enunciada. Com base nessas formas modais desenvolve-se

o sistema temporal, fenómeno que constitui a oposição modal básica como o núcleo morfológico da modalidade portuguesa e como a categoria dominante no sistema verbal português.

O núcleo morfológico (Modo) não é capaz de esgotar a totalidade de conteúdos numa hipercategoria. A modalidade perifrástica, por exemplo, apresenta uma realização analítica complementar que acrescenta novos valores modais: deônticos (*dever, ter de + infinitivo*), optativos (*poder, saber, conseguir + infinitivo*) e desiderativos (*querer, desejar + infinitivo*). Por sua vez, as perífrases deônticas (*dever, ter de + infinitivo*) em determinado contexto (que normalmente coincide com a simultaneidade não inatural) ativam funções epistémicas [Campos, 1997: 134-142] de probabilidade⁶. Algumas formas indicativas (FS, FP, Imp.) em contexto de simultaneidade não inatural ativam funções epistémicas de possibilidade (tradicionalmente interpretadas como Modo Condicional). Afinal, são valores modais complementares porque se realizam de maneira facultativa, contextualmente dependentes de uma transposição de Tempo ou de Plano, envolvendo formas que já possuem traços de modalidade básica, de Tempo, de Plano e de Perspetiva. Assim, constituem uma valorização secundária do conteúdo da proposição no campo da *verosimilhança relativa* [Kitova, 2000].

O resto dos valores é ativado pelas estruturas sintáticas e pelo discurso: admiração, apelação, evidencialidade, sem nos esquecermos que um dos instrumentos linguísticos universais na realização discursiva de qualquer valor semântico, sintático, estilístico ou pragmático é a entoação.

⁶ Os valores de probabilidade constituem uma oposição gradual com base nos traços ± hipotético, isto é, [± não concreto, ± não categórico, ± não objetivo], realizados pelas perífrases modais de obrigação ou pelas formas indicativas modalizadas por advérbios de conjectura [Kitova, 2000: 38]. Por sua vez, os valores de possibilidade marcam uma oposição dicotómica, relacionada com os traços ± problemático, isto é, [± não seguro, ± não factual, ± não comprometido] [*ibidem*]. Hub Faria [1974: 153] indica que “uma coisa só é provável se for possível, donde a qualidade de possibilidade é condição necessária da probabilidade”.

A aspetualidade em português encontra realização a nível lexical, perifrástico e no resto dos recursos contemplados em 2.3, mas não tem um núcleo morfológico.

De forma resumida, poderíamos apresentar a hierarquização das categorias verbais em português como se segue:

Tabela 1

Tipo de categoria gramatical:	Recursos linguísticos:
Categoria morfológica sintética dominante:	Modalidade básica (Modo) Indicativo (-) / Conjuntivo (+)
Categorias morfológicas sintéticas dominadas:	Tempo / Plano / Perspetiva Primária
Categorias morfológicas modais e aspetuais complementares de realização sintética e analítica:	<ul style="list-style-type: none"> • Perspetiva Secundária (Retrospectiva e Prospetiva) • Modalidade epistémica com base na transposição de alguns gramemas temporais e perífrases deónticas no campo da simultaneidade não inatural • Modalidade perifrástica
Categorias de realização variada:	Aspetualidade (de núcleo analítico)
Categoria sintática:	Voz Activa (-) / Voz Passiva (+)*
Categorias discursivas:	Apelação, Evidencialidade (renarração), Admiração**

* O conteúdo semântico da categoria Voz, por muito controverso que fosse, refere relações entre papéis semânticos e funções sintáticas na ação verbal em dependência do seu valor lexical [Nitsolova, 2008: 228-229; Kucarov, 2007: 327, Mateus et al., 1989: 221-226]. A Voz ativa não dispõe de paradigma próprio [Nitsolova, 2008], o que aponta para a sua natureza extensiva. Os instrumentos específicos (analíticos e pronominais) da Voz passiva não mantêm a semântica passiva fora do contexto sintático adequado e podem ter funções aspetuais [Barroso, 1994: 162]. Devido a isso, consideramos a categoria Voz uma categoria sem núcleo morfológico, superposta, organizada a nível sintático em função da valência do lexema verbal.

** O conteúdo semântico da admiração relaciona-se com a atitude emotiva do falante que inesperadamente depara com uma realidade diferente da das suas expectativas no ato de falar [Nitsolova, 2008: 378]; o conteúdo semântico da evidencialidade refere um estado cognitivo do falante em relação à fonte da informação sobre a ação enunciada [Nitsolova, 2008: 332; Chergova, 2012a: 183-190]; a apelação marca uma relação discursiva entre locutor e alocutário a propósito de uma ação irreal, mas desejada [Nitsolova, 2008: 324; Chergova, 2012a: 173-182].

3.2. O verbo búlgaro realiza por meio de recursos categoriais sintéticos e analíticos os valores aspetuais, temporais, número-pessoais e grande parte dos conteúdos modais [Kucarov, 2007: 178]. A propósito das categorias Número e Pessoa, podemos reafirmar o dito sobre as mesmas categorias em português.

Ao contrário do português, o verbo búlgaro sustenta a sua base no núcleo morfológico de semântica aspetual representado na categoria *Vid* que se identifica como categoria léxico-gramatical [*ibidem*: 523; Nitsolova, 2008: 247]. Refere a relação semântica entre a ação verbal e o seu limite interno, mas dá-se para além dos valores lexicais dos verbos enquanto estados, processos e eventos, e impregna todo o resto de formas categoriais do verbo [Kucarov *apud* Nitsolova, 2008]. A maior parte dos lexemas verbais existem numa forma perfeitiva, que marca a ação como internamente completa, e forma imperfetiva, que marca a ação como incompleta [Nitsolova, 2008]. A realização formal dos pares aspetuais dos lexemas verbais deve-se à base lexical dos verbos e à semântica dos gramemas e dos prefixos aplicados, que além do valor de *Vid*, podem acrescentar outros valores aspetuais de fase, visão, repetição, resultado etc., mencionados em 2.3. Portanto, o núcleo morfológico da categoria *Vid* não exaustiva todos os valores aspetuais que a língua possa realizar também com recursos, embora mais escassos, de perífrases aspetuais, advérbios e locuções adverbiais de valor aspetual, orações adverbiais, complementos de frase, etc.

O verbo búlgaro tem um sistema temporal desenvolvido em forma de hipercategoria à semelhança do português, só que desdobrado na base perfeitiva e na base imperfetiva dos verbos. Identificam-se as mesmas categorias de Tempo, Plano (Táxis) e Perspetiva. Esta última subcategoria,

por causa do efeito aspetual da relação entre uma ação e o resultado de outra ação, os linguistas búlgaros passaram a designar de *Aspeto da ação* (contrariamente ao *Aspeto do verbo* que é a categoria *Vid*).

A modalidade do verbo búlgaro não tem um núcleo morfológico semelhante ao do verbo português. A linguística apresenta diferentes modelos da modalidade [Gerdžikov, 2003; Kucarov, 2007: 262-327; Nitsolova, 2008: 317-429] que encerram diferenças conceituais consideráveis. Uma certa realização morfológica poder-se-á observar apenas na medida em que as formas temporais da base perfeita e imperfeita referem só o valor modal não subjetivo (Indicativo). Obviamente, não seria legítimo considerar a existência de uma categoria funcional baseada num único termo, facto que impossibilita a contemplação de qualquer oposição funcional que exigiria como mínimo um par opositivo. No entanto, a este valor opõe-se um conjunto de formas modais subjetivas (Conclusivo, Renarrativo, Dubitativo) que apresentam paradigmas temporais reduzidos [Nitsolova, 2008: 338-350]. Por conseguinte, poderiam ser interpretados como elementos modalmente intensivos. O seu paradigma morfológico, no entanto, é constituído por formas participiais ou temporais indicativas (sintéticas e/ou analíticas) que estavelmente desenvolveram as tais funções modais. Devido a isso, estamos propensos a considerar o estatuto do Conclusivo, Renarrativo e Dubitativo mais equiparável às características de uma modalidade complementar, tendo em conta que se configura por valores modais secundários das formas participiais e das formas temporais indicativas, alguns dos quais mais sistematizados (Conclusivo e Renarrativo), outros menos sistematizados (Dubitativo) na língua. Por outro lado, existem formas sintéticas e analíticas vocacionadas a expressar Imperativo e Condicional [Nitsolova, 2008: 395-429]. As formas sintéticas do Condicional, que estão em vias de desuso, podem referir noção temporal de presente e imperfeito. As formas analíticas, tanto imperativas, como condicionais, carecem de paradigma temporal, mas sujeitam-se, no entanto, aos processos morfológicos da renarração. Esse pormenor faz-nos inferir que o valor renarrativo configura uma base *sui generis* da modalidade verbal búlgara que tem uma estrutura bem diferente da modalidade verbal portuguesa.

De forma resumida, poderíamos apresentar a hierarquização das categorias verbais em búlgaro como se segue:

Tabela 2

Tipo de categoria gramatical:	Recurso linguístico:
Categoria morfológica sintética dominante:	Aspecto (<i>Vid</i>) Imperfeito (-) / Perfeito (+)
Categorias morfológicas sintéticas e analíticas dominadas:	Tempo / Tâxis / Perspetiva Primária Modalidade (com conteúdo modal indicativo)
Categorias morfológicas complementares de realização sintética e analítica:	<ul style="list-style-type: none"> • Modalidade complementar com paradigma temporal reduzido (conclusivo, renarrativo (evidencial), dubitativo) • Modalidade complementar sem paradigma temporal (imperativo, condicional) • Aspetualidade complementar (processos derivativos de efeito aspetual, perífrases aspetuais, advérbios e locuções adverbiais de valor aspetual, etc.)
Categorias dominadas de realização variada:	Voz Activa (-) / Voz Passiva (+)*
Categoria sintática	Modalidade (conteúdo modal conjuntivo) (Orações simples ou compostas, introduzidas por да-, нека-, нека да- com verbos no indicativo, de diferentes valores subjetivos)
Categorias discursivas:	Apelação, Admiração

* O gramema específico do participio passado passivo [Nitsolova, 2008: 437-439] funciona como motivação morfológica da Voz passiva em búlgaro, embora exista também a realização pronominal.

4. Conclusões

Ambas as línguas funcionais analisadas podem realizar idênticos valores de modalidade, temporalidade e aspetualidade, mas de diferente configuração formal. Precisamente na estruturação hierárquica das categorias verbais podemos descobrir uma parcela da “imagem do mundo” apreendida pelos sistemas verbais do português e do búlgaro.

Tabela 3

Hierarquia categorial	Verbo Português	Verbo Búlgaro
Categoria dominante	Modo	Aspeto (<i>Vid</i>)
Categoria dominada	Categorias temporais	Categorias temporais
Categoria complementar	Aspetualidade	Modalidade

O sistema verbal búlgaro foi construído a partir de uma noção aspetual básica, enquanto o sistema verbal português foi construído a partir de uma noção modal básica. Em ambos os sistemas verbais, as categorias temporais seguem a mesma linha de configuração, embora possam diferir os valores distributivos e contextuais de cada gramema temporal.

A língua búlgara configura morfologicamente maior número de valores aspetuais, temporais e modais, mas a língua portuguesa compensa todos esses valores com recursos analíticos, sintáticos e discursivos.

Cada uma das categorias contempladas em búlgaro e em português tem uma estrutura complexa e pode ser associada à definição de hipercategoria.

Referências bibliográficas

- BARROSO, H. (1994), *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo (visão funcional / sincrónica)*, Porto Editora, Porto.
- BONDARKO A. V. [et al.] (1987), *Теория функциональной грамматики: введение, аспектуальность, временная локализованность, таксис* (Teoria da gramática funcional: introdução, aspetualidade, localização temporal, táxis), URSS, Leningrado.
- CAMPOS, M. H. C. (1997), *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa*, Porto Editora, Porto.
- CASIRER, E. (1996), *Изследване на човека* (Tradução búlgara de *An Essay on Man*), GAL-IKO, Sófia.
- CHERGOVA, V. (2012a), *Конюнктивният имперфект в съвременния португалски език* (O Imperfeito do Conjuntivo em português contemporâneo), Universitetsko izdatelstvo “Sveti Kliment Ohridski”, Sófia.
- CHERGOVA, V. (2012b), “Os Futuros do Indicativo: valores modais complementares”, *Ecos da Lusofonia* (dir. Y. Andreeva, V. Chergova, D. Mangatcheva), Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski, Sófia, pp. 225-232.
- CHERGOVA, V. (2013), “Истина, реалност или обективност изразява португалският индикатив?” (Será que o indicativo português exprime verdade, realidade ou objetividade?), *Tempora volant, scripta manent – studia in honorem Prof. Dr. Ani Levi*, NBU, Sófia, pp. 263-277.
- COSERIU, E. (1976), *Das Romanische Verbalsystem*, TBL-Verlag Narr, Tübingen.
- COSERIU, E. (1978), *Gramática, semántica, universales*, Gredos, Madrid.
- COSERIU, E. (1980), *Lições de lingüística geral* (Tradução portuguesa de *Lezioni di Linguistica Generale*), Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro.
- COSERIU, E. (1981), *Principios de semántica estructural*, Gredos, Madrid.
- COSERIU, E. (1987), *O Номет e a sua linguagem*, Presença, Rio de Janeiro.
- GERDŽIKOV, G. (2003), *Преизказването на глаголното действие в българския език* (A renarração da ação verbal na língua búlgara), Universitetsko izdatelstvo “Sveti Kliment Ohridski”, Sófia.
- GREENBERG, J. H. (1971), “Language Universals: A Reaserch Frontier”, *Language, Culture and Communication* (Essay by Joseph H. Greenberg), Stanford University Press, California, pp. 295-313.

- HUB FARIA, I. (1974), “Conjuntivo e restrição da frase-mais-alta”, *Boletim de Filologia*, t. XXIII, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, pp. 81-188.
- KITOVA, M. (2000), *La “verosimilitud relativa” y su expresión en español*, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, Santiago de Compostela.
- KUCAROV, I. (2007), *Теоретична граматика на българския език* (Gramática teórica da língua búlgara), Paisij Hilendarski, Plovdiv.
- LYONS, J. (1977), *Semantics*, vol. 2, Cambridge University Press, Cambridge.
- MATEUS, M. H. M. [et al.] (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- NITSOLOVA, R. (2008), *Българска граматика. Морфология* (Gramática búlgara. Morfologia), Universitetsko izdatelstvo “Sveti Kliment Ohridski”, Sófia.
- OLIVEIRA, F. (2004), “Tempo e Aspeto”, *Gramática da língua portuguesa* (dir. M. R. Delgado-Martins), Caminho, Lisboa, pp. 127-178.
- VEIGA, A. (1991), *Condicionales, concesivas y modo verbal en español*, Universidade de Santiago de Compostela, Verba, Santiago de Compostela.
- VILELA, M., KOCH, I. V. (2001), *Gramática da língua portuguesa (gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso)*, Almedina, Coimbra.
- VUCHEVA, E. (1995), *Грамматика и стилистика на испанския глагол* (Gramática e estilística do verbo espanhol), Askoni-Izdat, Sófia.
- VUCHEVA, E. (2006), *Един интегрален модел на речта: равнища, единици и категории* (Um modelo integral da fala: níveis, unidades e categorias), Universitetsko izdatelstvo “Sveti Kliment Ohridski”, Sófia.